

Salvação, o Fim da Fé (Parte 1)

Tomando por base os versículos iniciais da carta, fica claro que Pedro considerava seus leitores sucessores diretos de Israel. Eles eram o povo “eleito” de Deus. Embora houvesse entre seus leitores tanto judeus como gentios, ambos eram escolhidos de Deus por causa de seu relacionamento com Ele em Jesus Cristo. As palavras do apóstolo acertavam em cheio o entendimento vétero-testamentário do povo de Deus, mas logo os conceitos do Antigo Testamento não seriam suficientes. Afinal, os leitores haviam experimentado um novo nascimento. A viva esperança se baseava agora na ressurreição de Jesus Cristo. A herança deles era eterna, estava reservada no céu. Mediante a fé, aguardavam “uma salvação preparada para revelar-se no último tempo”.

“REGENERADOS PARA UMA VIVA ESPERANÇA” (1:3-5)

³Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, ⁴para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros ⁵que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.

Versículo 3. As palavras de Pedro são notáveis pela firme posição que ele tomou sobre a revelação de Deus a Israel, abordando, ao mesmo tempo, a novidade de Sua revelação em Cristo. Os piedosos de Israel costumavam achar oportuno iniciar as palavras de exortação ou louvor com a expressão **bendito** [seja]. Melquisedeque, rei de Salém, declarou:

“Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo”, e depois acrescentou: “E bendito seja o Deus Altíssimo” (Gênesis 14:19, 20). Davi começou assim suas palavras a Abigail: “Bendito o Senhor, Deus de Israel” (1 Samuel 25:32). Os salmistas usavam com frequência essas palavras a fim de louvar o Senhor (por exemplo, Salmos 28:6; 31:21; 41:13; 66:20; 68:19, 35). Quando Jesus entrou em Jerusalém as multidões clamaram: “Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mateus 21:9)¹. Usando a mesma construção gramatical de Pedro, Zacarias proclamou: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel” (Lucas 1:68). Finalmente, Paulo usou expressões idênticas à de Pedro em 2 Coríntios 1:3 e Efésios 1:3.

Estas palavras têm raízes na piedade da Escritura de Israel e na tradição de suas sinagogas, mas Pedro estendeu seus comentários. Para o apóstolo, a qualidade divina de ser bendito revelou-se mais completamente no fato de ser Ele **o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**. Pedro afirmou que Deus é peculiarmente “Pai” do homem Jesus de Nazaré. E este Jesus de Nazaré é “nosso Senhor Jesus Cristo”. O senhorio de Jesus de Nazaré foi evidente enquanto Ele viveu em forma humana, porém intensificou-se ainda mais em Sua exaltação para reinar à destra de Deus. Assim Pedro conduziu seus leitores, partindo da revelação do Antigo Testamento para o Novo Testamento.

Deus deve ser louvado. Ele deve ser sempre bendito pelo Seu povo por ter tomado a iniciativa de nos salvar. É **segundo a Sua muita misericór-**

¹O verbo “seja” ou “é” está oculto tanto em 1 Pedro 1:3 como em Mateus 21:9. O particípio perfeito εὐλογημένος (*eulogēmenos*) é traduzido por “bendito” em Mateus 21:9, enquanto Pedro usou o adjetivo εὐλογητός (*eulogētos*). Um particípio é um adjetivo verbal. A diferença entre a declaração “bendito é” e o imperativo “Bendito seja” é pequena.

dia que o apóstolo e seus leitores desfrutavam do relacionamento que eles passaram a ter com Deus. Participaram da esperança e da promessa de Cristo porque Deus, em “Sua muita misericórdia” escolheu agir, alcançar um povo enviando Seu Filho Jesus como redentor.

Pedro continuou a discorrer acerca do velho e do novo. Deus ser bendito e Suas misericórdias serem muitas não eram conceitos novos nem surpreendentes. Estavam profundamente enraizados no passado de Israel, mas o pensamento seguinte era novo². Um judeu participava das bênçãos do povo de Deus desde seu nascimento. Quando sua mãe o paria e seu pai o circuncidava no oitavo dia, ele se tornava parte da comunidade do povo de Deus. Não foi assim com os ouvintes de Pedro! Não foi pelo nascimento físico, mas por um nascimento maravilhoso que eles passaram a fazer parte da comunidade cristã. Eles foram **regenerados**, ou seja, renasceram. Através do novo nascimento Deus acrescentou-os ao Seu povo.

Alguns autores do Novo Testamento usaram termos radicais para descrever a transição do não cristão para a vida cristã. Para Paulo, a analogia mais usada era de morte. Todavia, a ideia de cristãos desfrutarem da novidade de vida não estava ausente dos escritos de Paulo; ele trouxe o assunto à tona em Romanos 6:3, 4. O crente morre no batismo para andar em novidade de vida. Ele é sepultado com Cristo (συνθάπτω, *sunthapto*) para ser ressuscitado com Ele. O novo nascimento é uma metáfora entre muitas outras que testificam a mudança de posição do cristão perante Deus e sua vida transformada.

João registrou a conversa de Jesus sobre o novo nascimento com o mestre da lei Nicodemos (João 3:1–8). Jesus disse que é um nascimento “da água e do Espírito”. G. R. Beasley-Murray estava corretíssimo quando declarou: “...é difícil entender qualquer outra referência que não o batismo nas palavras ἔξ ὕδατος [*ex hudatos*, ‘de água’]”³.

As águas do batismo estavam na mente de Paulo quando ele escreveu sobre a lavagem de

regeneração, ou seja, a lavagem que propicia a regeneração (Tito 3:5–7)⁴. Há uma alusão ao novo nascimento em Tiago 1:18. Para Pedro, Paulo, João e Tiago, o batismo e o novo nascimento eram inseparáveis. J. N. D. Kelly estava correto ao observar que “a nota sobre o batismo de [1 Pedro 1:3–5] (cf. a referência a renascimento) é inequívoca”⁵.

O batismo no Novo Testamento não é uma simples ratificação física. Quando o crente arrependido age sendo batizado em Cristo, o próprio Deus age tirando os pecados do crente. O batismo não é um mero “sinal externo de uma graça interna”, como às vezes se ouve. Embora o batismo não seja um ato mágico que garante que o indivíduo esteja com Deus, ele tampouco é um ato secundário para a renovação cristã. O batismo é uma resposta espiritual do crente. Ele não é mais uma obra de mérito do que de arrependimento ou de uma vida reformada. A promessa de Deus é que o crente cujo coração está preparado pela fé e pelo arrependimento tem seus pecados lavados quando é batizado em Cristo (Atos 22:16). A promessa divina de salvação e vida está vinculada à disposição do crente para agir na fé e encontrar-se com o Senhor no batismo.

O crente nasce de novo **para uma viva esperança**, escreveu Pedro. Por que o apóstolo anexou o adjetivo “viva” à “esperança” cristã é obscuro, mas não é difícil pensar em possibilidades. Ao descrever que a “esperança” cristã é “viva” Pedro podia ter em mente: 1) a ressurreição de Cristo. A “esperança” cristã é “viva” porque o Senhor crucificado vive. (2) Por outro lado, a “esperança” pode ser “viva” porque ela é uma esperança que cresce dentro do crente. A esperança fez os leitores de Pedro se lembrarem de que havia algo sobre a vida cristã que ainda estava por ser realizado (veja Romanos 8:24, 25). Juntamente com todas as bênçãos espirituais que o novo nascimento trouxe

⁴George Eldon Ladd estava apenas parcialmente correto quando escreveu que “Paulo concebe que os crentes são filhos de Deus, mas por adoção e não pelo novo nascimento (Romanos 8:15)”. (George Eldon Ladd, *A Theology of the New Testament*, 2a. ed. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993, p. 664.) Paulo usou as metáforas tanto de adoção como de nascer de novo, como deixa claro Tito 3:5. Ao usar a metáfora em Romanos 8:15 e 16, Paulo assegurou aos crentes a solidez do relacionamento deles com Deus através de Cristo. Tanto em Romanos 6:1–4 como em Tito 3:5, o assunto era a mudança radical gerada quando o indivíduo se torna um cristão. Por um lado, significa morrer para o velho homem e, por outro lado, significa nascer de novo.

⁵J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and of Jude*, Black’s New Testament Commentaries. (Londres: Adam & Charles Black, 1969, p. 46.)

²Embora os rabinos comparassem um prosélito com um recém-nascido, dificilmente pensavam na renovação moral e espiritual inerentes às referências do Novo Testamento ao novo nascimento. Depois de examinar as evidências, G. R. Beasley-Murray concluiu: “...a aplicação do conceito de regeneração para a vida espiritual do indivíduo era incomum tanto no judaísmo como no mundo de sincretismo helenista anterior ao advento do cristianismo”. (G. R. Beasley-Murray, *Baptism in the New Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 227.)

³Ibid., p. 228.

para seus leitores, Pedro sabia do sofrimento que eles estavam enfrentando por causa de Jesus. Para a realização da esperança viva, era preciso que os cristãos suportassem com paciência.

Alguns chamam 1 Pedro de “A Epístola de Esperança”. É verdade que a volta do Senhor, o clímax da esperança cristã, é importante para Pedro, seus leitores e todos os cristãos. A palavra “esperança” ocorre três vezes no capítulo 1 e uma vez no capítulo 3, mas esperança é um conceito que permeia toda a carta, embora não seja um tema predominante. Em Romanos 8:24 e 25, por comparação, a palavra “esperança” ocorre cinco vezes. Esperança é um tema importante em todo o Novo Testamento, e não seria menos importante em 1 Pedro do que em outros livros.

Num mundo onde o pessimismo e o cinismo são marcas de educação e sofisticação, os cristãos elevam as cabeças e a esperança. Uma antiga expressão em latim, que é um jogo de palavras, diz: *dum spiro, spero*; ou seja: “Enquanto eu respiro, eu espero”. Os cristãos não depositam a confiança na fundação de sociedades utópicas, nem na engenharia genética ou em drogas milagrosas. O homem secular, sem dúvida, continua depositando a confiança na inteligência mundana; mas a esperança que os cristãos desfrutam está edificada sobre algo maior. “A esperança cristã não tem suas raízes nas circunstâncias transitórias da vida nas quais anseios e sonhos muitas vezes são destruídos e enterrados. Em vez disso, ela nasce... da profunda convicção de que Deus é o Senhor da história.”⁶ O destino da humanidade repousa nas mãos de um Deus bom. “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” (Romanos 8:24, 25).

Pedro garantiu aos seus leitores que a esperança deles estava fundamentada no testemunho autêntico dos apóstolos e de outros de que Jesus ressurgiu dos mortos. A ressurreição de Jesus não foi um testemunho para a histeria coletiva entre os primeiros cristãos. Em tempo real, nas páginas da história, ao terceiro dia Deus trouxe Jesus de volta à vida. Por quarenta dias Ele reapareceu aos discípulos e lhes ensinou (Atos 1:3). A esperança cristã é **mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos**.

Versículo 4. O raciocínio de Pedro estava tão

embasado nas experiências de Israel, que, sem muito esforço, ele conseguiu entrelaçar o velho e o novo. O fato de Israel ter uma herança (κληρονομία, *kleronomia*) era um aspecto importante do entendimento dos judeus. A terra de Canaã era herança deles. Moisés lembrou Israel da “boa terra que o Senhor, Deus [deles], [lhes] da[ria] por herança” (Deuteronômio 4:21). Já no Antigo Testamento a herança de Israel era mais do que Canaã; era o próprio Deus. O salmista confessou: “O Senhor é a porção da minha herança e o meu cálice” (Salmos 16:5). Pedro queria que o novo Israel, a igreja do Senhor, soubesse que também tinha **uma herança**, mas uma herança mais gloriosa do que a que Israel experimentou. Israel viveu para ver sua terra contaminar-se. Coisas físicas são perecíveis e efêmeras. A esperança cristã, ao contrário, está **reservada nos céus**. Essa herança é **incorrupível** (“jamais poderá perecer”; NVI), **sem mácula**. Ela também é **imarcescível** (“não perde o seu valor”; NVI). O apóstolo manteve os cristãos desejosos e ansiosos pela volta do Senhor.

Versículo 5. Os que nasceram de novo para uma viva esperança, os que têm uma herança reservada nos céus, são **guardados pelo poder de Deus**. O mesmo poder que trouxe Jesus vivo dos mortos (1:3) guarda os que estão em Cristo. Deus mantém ou “reserva” (1:4; τηρέω, *tereo*) a herança nos céus para o Seu povo, enquanto Ele protege ou “guarda” (φρουρέω, *froureo*) o próprio povo. A última palavra era usada com frequência em contextos militares. Deus é o fiador ou avalista da salvação. Ele se dispõe e está apto para guardar o Seu povo.

Mesmo contando com o poder de Deus, os cristãos não devem dar lugar à complacência ou comodismo. O poder de Deus para guardar é ativamente realizado **mediante a fé** dos cristãos. A fé não consiste em uma simples dependência passiva; ela significa confiança no sentido ativo de fidelidade. Os cristãos foram chamados para a obediência (1:2). Pelo Seu poder, Deus reserva a herança e guarda os que ativamente entregaram suas vidas a Ele. F. J. A. Hort escreveu que “a fé é a condição humana que põe em ação o fortalecimento divino”⁷.

Num sentido, os leitores de Pedro já participavam das bênçãos de Deus, mas as provações que eles haviam enfrentado e estavam enfrentando eram um testemunho de que nem tudo se cumpri-

⁶David Ewert, *And Then Comes the End*. Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1980, p. 173.

⁷F. J. A. Hort, *The First Epistle of St. Peter I.1—II.17: The Greek Text with Introductory Lecture, Commentary, and Additional Notes*. Nova York: Macmillan Co., 1898, p. 38.

ra ainda. Deus os protegeu **para a salvação preparada para revelar-se no último tempo**. A palavra “preparada” não deve ser ignorada. Os cristãos viviam “preparados” para presenciar a volta do Senhor e para reivindicar sua herança. Mais adiante na epístola, Pedro escreveria: “Ora, o fim de todas as coisas está próximo” (4:7). Para o apóstolo e seus leitores, “o último tempo” era o momento concreto em que o Senhor apareceria. Eles viviam com essa expectativa. Pedro usou a palavra grega equivalente a “último tempo” no sentido apocalíptico. Quando Cristo for “revelado” será o fim da história como a humanidade a conhece.

“CONTRISTADOS POR VÁRIAS PROVAÇÕES” (1:6–9)

⁶Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, ⁷para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; ⁸a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, ⁹obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.

Pela primeira de quatro ocorrências (1:6–9; 3:13–17; 4:12–19; 5:9, 10), Pedro dedicou uma extensa porção de sua carta ao sofrimento imediato de seus leitores. A palavra *πάσχω* (*pascho*, “sofrer”) ocorre doze vezes em 1 Pedro, muito mais do que em outros trechos semelhantes do Novo Testamento. Outras palavras referentes a aflição ou provação ocorrem mais cinco vezes. Pedro incentivou seus leitores a olharem para suas provações pelas lentes do soberano governo de Deus. Numa perspectiva imediata, as provações podiam fortalecer a fé deles. A longo prazo, Deus recompensaria a fé deles. Aos que suportassem, a recompensa seria uma coroa de vida.

Versículo 6. Preparado o terreno, Pedro estava pronto para falar do sofrimento que seus leitores estavam enfrentando diretamente. Embora o sofrimento fosse o assunto, alegria, e não lamentação, era a ordem do dia. Ele resumiu o motivo para se alegrarem com o termo **nisso** (ἐν ᾧ, *en hoi*). A expressão aparece outras vezes em 1 Pedro, sendo traduzida por outros termos (2:12; 3:16; 3:19; 4:4). Em todas as ocorrências, o pronome “isso” refere-se ao sentido geral do que foi comentado,

não a uma coisa em particular. Os leitores da carta **exulta[vam]** por terem nascido de novo, terem uma viva esperança mediante a ressurreição de Cristo e uma herança imarcescível.

As palavras **se necessário** (nessa tradução) podem dar uma impressão errada. O assunto não é provações na teoria, algo que poderia ou não acontecer com eles. Kelly traduziu esta expressão por “já que é assim que tem que ser”⁸. Aqui e em outras ocorrências na carta, os cristãos haviam sido **contristados por várias provações**. Estavam pagando um preço pela fé. É inevitável que as provações aconteçam porque, quando o povo santo vive num mundo regido pelo pecado, o mundo os odeia. João deu aos cristãos um esclarecimento da razão do sofrimento em 1 João 3:12. Ele perguntou por que Caim matou seu irmão Abel. A seguir, respondeu que Caim matou o irmão “porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas”. Provações na vida do cristão são inevitáveis porque o mundo odeia quem aspira à santidade. As provações não são inevitáveis no sentido de que Deus determinou que elas acompanhem a vida cristã⁹.

Pedro não foi específico quanto à natureza das provações que seus leitores estavam enfrentando. Essas provações poderiam ser de toda sorte. Em casos extremos, os cristãos podiam ser torturados ou mortos. Mais adiante na carta, o apóstolo julgou necessário instruir seus leitores a serem submissos às autoridades do governo (2:13–17). Isso pode sugerir que havia menos do que uma relação ideal entre cristãos e o poder civil¹⁰. Outro tipo de sofrimento era a humilhação e o ostracismo das pessoas à volta. Quando convenções sociais sofrem mudanças, é comum culpar qualquer grupo ou ideologia nova pelos males que a comunidade está enfrentando.

Alternadamente, os leitores de Pedro poderiam ter sofrido provações de ordem econômica. Os que seguiam a Cristo às vezes tinham dificuldade para comercializar no mercado. O sustento deles era ameaçado quando não podiam vender sua produção ou artigos manufaturados. Quaisquer que

⁸Kelly, p. 46.

⁹J. Ramsey Michaels, *1 Peter*, Word Biblical Commentary, vol. 49. Waco, Tex.: Word Books, 1988, p. 29.

¹⁰A admoestação de Pedro sobre as autoridades do governo não deve ser descartada como um estereótipo do código doméstico do Novo Testamento. Os códigos encontrados em Efésios 5 e 6 e em Colossenses 3 e 4 não contêm nenhuma referência a governos. Pedro adaptou a forma literária do código doméstico, a fim de atender as necessidades e interesses de seus leitores.

fossem as provações, Pedro e seus leitores tinham motivo para se alegrar. Os cristãos exultam na esperança de que em breve tomarão posse de toda a herança na volta de Cristo. As provações eram um sinal de que o tempo estava acabando (4:7); conseqüentemente, eram motivo para se alegrarem. A alegria predominava, mesmo que por um tempo tivessem de enfrentar provações.

Versículo 7. O sofrimento é a porção universal da raça humana, mas é arriscado lançar qualquer palpite sobre o motivo por que os escolhidos de Deus sofrem. Provavelmente os leitores se surpreenderam quando Pedro escreveu que as provações de seus amigos eram para que **o valor da vossa fé** [deles] se manifestasse (veja Tiago 1:2, 3). O “consolador” de Jó, Elifaz, disse alegremente: “Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-Poderoso. Porque Ele faz a ferida e Ele mesmo a ata; Ele fere, e as Suas mãos curam” (Jó 5:17, 18). O patriarca não se impressionou com este comentário. Jó respondeu: “Porque me esmaga com uma tempestade e multiplica as minhas chagas sem causa” (Jó 9:17).

É verdade que provações, incluindo a tortura de crianças e idosos, são para o louvor e a glória de Deus? Deus manda provações com esse propósito? Tal conclusão vai muito além das palavras de Pedro. A causa das provações é uma coisa; o resultado das provações é outra coisa. Deus não causa provações para que Ele seja glorificado. Pedro disse que o soberano governo de Deus sobre o mundo pode suscitar Seu louvor mesmo quando o Seu povo sofre. A tradução de Kelly mais uma vez é útil: “...fé seja mais preciosa do que o ouro... e assim redunde no vosso louvor e glória...”¹¹ Paulo foi mais além exprimindo a maneira como o sofrimento resulta na glória de Deus:

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado (Romanos 5:3-5).

A figura de linguagem do povo de Deus passando por uma fornalha como o metal passa pelo fogo é comum nos Profetas (Isaías 1:25; 48:10; Jeremias 6:29, 30; Ezequiel 22:18). John Stott escreveu: “A única maneira de entender as decepções

e frustrações da vida, a solidão, o sofrimento e a dor, é vendo-as como parte da disciplina do nosso amoroso Pai em Sua determinação de nos tornar semelhantes a Cristo”¹².

A fé cristã não é uma qualidade estática, uma coisa que se tem ou não se tem. A fé do carcereiro ao ser levado para o batismo (Atos 16:33) foi suficiente para aquela ocasião, porém a expectativa é que a fé dele tenha se tornado consideravelmente diferente quanto à qualidade, após ter sido refinada durante os anos de vida cristã. Suportar perseguições e experimentar um relacionamento vivo com o Senhor aprimora a qualidade da fé. Os cristãos se regozijam quando as provações ocorrem porque elas queimam a impureza da incredulidade. As provações expõem a qualidade genuína da fé, mas também aprofundam a fé. O apóstolo terminou sua segunda carta admoestando os cristãos a “cresc[erem] na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3:18). Enquanto a fé é refinada por provações, o cristão cresce na graça e no conhecimento.

Em 1:7, assim como em 1:5, Pedro lembrou seus leitores da **revelação de Jesus Cristo**. A volta do Senhor nunca esteve fora dos pensamentos de Pedro. Quando “a revelação de Jesus Cristo” ocorrer, “a prova” ou “autenticidade” da fé do cristão redundará em louvor, glória e honra a ele e ao Senhor. Louvor, glória e honra serão dados a Deus porque Ele produziu santidade nas vidas dos Seus filhos. Ao mesmo tempo, Ele infundirá louvor, glória e honra a um povo de fé autêntica. Pedro queria que seus leitores seguissem o exemplo do Senhor. Hebreus 12:2 diz: “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus”.

Versículo 8. O apóstolo lembrou seus leitores da alegria que eles tinham em Jesus e do anseio que tinham por Sua volta, mesmo **não havendo visto** o Senhor pessoalmente. É improvável que Pedro quisesse que seus leitores contrastassem suas experiências com as dele. Por exemplo, eles não tinham visto Jesus em carne, mas Pedro O vira. Em sua segunda carta, o apóstolo realmente fez esse contraste (2 Pedro 1:16), mas nesta seu testemunho ocular foi expresso apenas sutilmente

¹¹Kelly, p. 46.

¹²John Stott, *The Contemporary Christian*. Leicester, U.K.: Inter-Varsity Press, 1992, p. 157.

(1 Pedro 2:23, 24; 5:1).

Pedro observou que aqueles irmãos não haviam vivenciado a presença carnal de Jesus, mas eles O amavam com tanta certeza quanto se Jesus estivesse fisicamente presente. Gramaticalmente, os verbos **amais**, **crendo**¹³ e **exultais** poderiam estar no imperativo; nesse caso a tradução seria: “embora não O tenham visto, amem-nO, embora não O vejam no presente, creiam nEle e exultem”. Todavia, imperativos não caberiam no contexto, e a possibilidade é de tenham sido descartados. Considerando que os verbos estão na forma afirmativa, e não no modo imperativo, o tempo presente no grego acrescenta cor às palavras de Pedro: “Vocês não O viram, mas continuam a amá-LO. Mesmo não O vendo agora, vocês continuam a crer e a exultar. A alegria de vocês é indizível, e cheia de uma glória que perdura até o momento presente”.

Além da esperança por uma futura revelação dar coragem aos crentes quando sofrem, eles também experimentaram um relacionamento de amor com o Senhor no presente. Não é necessário ver Jesus para experimentá-LO, amá-LO e receber o Seu amor. O fato de Deus amar a humanidade é uma das revelações mais marcantes da Bíblia. É surpreendente admitir que o Deus do universo não está só ciente, mas realmente ama Sua criação. O que está além de nossa compreensão é que Deus cuida de Sua criação, quer ela O ame, quer não. E esse é o testemunho universal das Escrituras. O *Shema* (Deuteronômio 6:4) está no coração das confissões de fé tanto dos judeus como dos cristãos. Depois de confirmar a unicidade de Deus, Moisés acrescentou: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Deuteronômio 6:5). O próprio Jesus disse que esse era o maior de todos os mandamentos (Marcos 12:29, 30). Será que Deus, num sentido, precisa do amor dos seres humanos? Os cristãos sentem-se mais confortáveis ao confessar que Deus deseja o amor dos seres humanos do que confessar que Ele precisa. Há que se questionar se desejo, pelo menos num sentido, implica necessidade. Não importa qual seja a resposta, Pedro deixou claro: para se ter um relacionamento vital com Deus, é preciso amá-LO. Para Pedro, amar a Deus e amar a Jesus era a mesma coisa.

A íntima relação entre o amor e a fé se encontra em todo o Novo Testamento. Os dois conceitos,

¹³O particípio pode muito bem ter a força de um imperativo, especialmente quando usado numa sequência de imperativos.

embora não sejam idênticos, estão muito entrelaçados, o que se evidencia em passagens como 1 Coríntios 13. A mudança do particípio aoristo (ἰδόντες, *idontes* “havendo visto”) para o presente (ὁρῶντες, *horontes* “vendo”) chama a atenção para o processo crescente de ver. Pedro novamente observou o óbvio: “no qual, não vendo agora, mas crendo”. A fé que Pedro confirmou em seus leitores não era uma crença desvinculada de ação. “Crendo”, no sentido em que Pedro usou a palavra, significa “confiar”. “Vocês tanto amam a Jesus Cristo quanto depositam a sua confiança nEle”, disse Pedro. Amor e confiança estão firmemente vinculados.

O amor e a confiança juntos produziram o resultado: exultação **com alegria indizível e cheia de glória**. Edward Gordon Selwyn distinguiu quatro passos para o homem entender plenamente Cristo. O primeiro é esperança. Seguida pela experiência física. O terceiro é fé e o quarto “a visão beatífica, quando a fé se torna um novo tipo de visão”¹⁴. O não crente encontra dificuldade para entender a alegria vivenciada pelo crente, e o crente tem dificuldade para expressar essa alegria de modo que o não crente aprecie. Embora a alegria do cristão seja “indizível”, ela é radiante, “cheia de glória”, cercando ele mesmo e tudo o que ele faz com a aura da presença de Cristo.

Versículo 9. Seguindo o grego, a maioria das versões traduz os versículos 6 a 9 como um único período gramatical. Os cristãos a quem Pedro se referia estavam no processo de **obter o fim da fé** [deles]: **a salvação da alma** [deles]. Num sentido, a salvação para os leitores de Pedro era uma perspectiva futura, a se realizar na revelação de Jesus Cristo, mas também, em outro sentido, a salvação era uma realidade vivenciada. Eles estavam obtendo a salvação enquanto aguardavam sua concretização final.

A “salvação” está ligada à fé da maneira mais próxima possível em todo o Novo Testamento. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé”, escreveu Paulo (Efésios 2:8). A fé é um conceito ativo. Os autores do Novo Testamento não se incomodaram em questionar como seria possível um ser humano totalmente corrompido fazer algo tão nobre como crer em Cristo. Uma vez que os seres humanos estão confinados na caixa da depravação total,

¹⁴Edward Gordon Selwyn, *The First Epistle of St. Peter: The Greek Text, with Introduction, Notes, and Essays*, Thornapple Commentaries, 2a. ed. Londres: Macmillan & Co., 1947; reimpresso, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1981, p. 131.

crer é um problema. No Novo Testamento as pessoas creem porque há boas razões para crer: 1) Jesus foi declarado o Cristo mediante Sua ressurreição dos mortos (Romanos 1:4). 2) Era difícil ignorar as testemunhas oculares da vida, morte e ressurreição de Jesus (João 21:24). 3) O Espírito Santo operou nas vidas dos crentes (Gálatas 3:2; 4:6).

SERVIDOS PELOS PROFETAS (1:10–12)

¹⁰Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, ¹¹investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. ¹²A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.

Pedro queria que seus leitores soubessem que eles estavam sofrendo e a salvação não era uma alternativa de última hora. Ciente ou não disso, Deus estava efetuando a Sua vontade no curso dos acontecimentos históricos.

Versículos 10–12. Um elemento importante na mensagem do evangelho é que Jesus é o cumprimento dos propósitos e das promessas de Deus. Jesus e outros recorreram muitas vezes aos profetas em seus discursos. O que os profetas disseram no Antigo Testamento sobre a vinda do Messias cumpriu-se na pessoa de Jesus e na igreja que Ele edificou. O que talvez ignoremos é que profetas não são enviados somente no Antigo Testamento. Profetas contemporâneos desempenharam um papel importante na vida da igreja do primeiro século. Quando Paulo escreveu que a igreja foi “edificad[a] sobre o fundamento dos apóstolos e profetas” (Efésios 2:20), ou que o mistério de Cristo fora “revelado aos seus santos apóstolos e profetas” (Efésios 3:5), ou que “Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas” (Efésios 4:11), é claro que ele tinha em mente profetas do Novo Testamento. Comentando sobre dons do Espírito, Paulo escreveu: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas...” (1 Coríntios 12:28). Encontramos

homens específicos que são chamados de profetas, incluindo Ágabo, Judas e Silas (Atos 11:27, 28; 15:32). Quando João advertiu os cristãos contra os falsos profetas (1 João 4:1), a implicação era que a igreja estava ciente dos verdadeiros profetas.

Não devemos deduzir tão rapidamente que os **profetas** que Pedro tinha em mente são profetas do Antigo Testamento. Selwyn argumentou convincentemente que os profetas em questão eram profetas cristãos¹⁵. Talvez os profetas que **profetizaram acerca da graça** (1:10) estavam entre **aqueles que... vos pregaram o evangelho** (1:12). Visto que grande parte da interpretação do versículo 10 depende de quem os leitores entendiam que eram os profetas, convém analisarmos os argumentos de Selwyn.

Primeiramente, observemos que, traduzido o mais literalmente possível, 1 Pedro 1:10 diz: “A respeito dessa salvação os profetas, que profetizaram a respeito da graça para vocês, investigaram e fizeram uma vasta pesquisa”. O Novo Testamento menciona com frequência profetas do Antigo Testamento que falaram de Jesus e de Sua igreja, mas não se espera que Pedro dissesse que os profetas do Antigo Testamento **indagaram e inquiriram**.

O que os profetas indagaram e inquiriam? Estaria Pedro dizendo que eles procuravam uma mensagem nas fontes escritas? Talvez as palavras de Pedro não impliquem que fontes escritas fossem o objeto da indagação dos profetas, mas é natural entendê-las dessa forma. A dúvida surge porque inquirir fontes escritas ou orais não parece ser o que os profetas do Antigo Testamento fizeram. Assim como Paulo (Gálatas 1:1), eles afirmaram ter recebido suas mensagens diretamente do Senhor (veja Amós 7:14, 15). Se os profetas do Antigo Testamento não receberam suas mensagens de fontes escritas anteriormente, podemos facilmente imaginar profetas do período do Novo Testamento buscando no texto do Antigo Testamento testemunhos sobre Cristo, a igreja e as circunstâncias sob as quais a igreja deveria viver. Paulo, por exemplo, na sinagoga em Tessalônica, apresentou argumentos baseados nas Escrituras, “expondo e demonstrando ter sido necessário que

¹⁵Ibid, p. 260. Veja também Duane Warden, “The Prophets of 1 Peter 1:10–12”, *Restoration Quarterly* 31. Primeiro Quadrimestre, 1989, pp. 1–12. A maioria dos comentaristas se refere a Selwyn quando falam dos profetas desta passagem, ainda que seja só para refutá-lo. Se tiveram êxito ou não é questionável. O problema não está resolvido, como parece pensar Michaels, recorrendo a εἰς ἑμᾶς (*eis humas*) em 1:10. (Michaels, p. 44.) A graça em 1:10 é por causa dos cristãos, assim como o sofrimento em 1:11 é por causa de Cristo.

o Cristo padecesse” (Atos 17:2, 3).

Além disso, Pedro escreveu que foi o **Espírito de Cristo, que neles estava**, que direcionou a obra dos profetas. Se ele se referia aos profetas do Antigo Testamento, era de se esperar que Pedro escrevesse que o Espírito de Deus estava neles ou até que o Espírito Santo estava neles. Não que isso seja impossível, é claro; mas não há precedente no Novo Testamento da obra dos profetas do Antigo Testamento ser atribuída ao Espírito de Cristo. Por outro lado, era de se esperar que Pedro atribuísse a obra dos profetas no período do Novo Testamento ao “Espírito de Cristo, que neles estava”.

Primeira Pedro 1:11 contém uma expressão que é difícil de se interpretar em grego, e consequentemente, difícil de se traduzir. O problema é discutido mais detalhadamente na página 28, mas por enquanto vamos observar que onde a RA diz **investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias**, a NVI optou por “procurando saber o tempo e as circunstâncias”. Já a versão inglesa NASB (*New American Standard Bible*) diz: “procurando saber que pessoa ou tempo”. A expressão não implica necessariamente que os profetas estavam indagando sobre uma pessoa, ou seja, sobre Jesus Cristo. Talvez estivessem procurando saber “o tempo e as circunstâncias” que resultaram na experiência cristã dos primeiros crentes.

Pedro disse que o Espírito presente nos profetas deu **de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo**, o que parece esclarecer a questão. Se os profetas tivessem previsto os sofrimentos de Cristo, inevitavelmente seriam os profetas do Antigo Testamento. Todavia, a expressão grega é τὰ εἰς Χριστὸν παθήματα (*ta eis Christon pathemata*). Se a referência fosse aos sofrimentos de Cristo, o leitor grego esperaria ler τὰ τοῦ Χριστοῦ παθήματα (*ta tou Christou pathemata*) ou palavras semelhantes. Estas são as palavras que Pedro, de fato, usou em 4:13 e 5:1. Seria raríssimo o uso das palavras *eis Christon* para indicar que se tratavam dos sofrimentos “de Cristo”. A tradução esperada é “por Cristo”. Quando lembramos que os sofrimentos dos cristãos constituem uma parte importante de 1 Pedro, a tradução “os sofrimentos [dos leitores] por Cristo” cabe perfeitamente no contexto mais amplo da carta. A possibilidade de que os profetas do Novo Testamento sondaram tanto o Antigo Testamento como as palavras de Jesus em busca de predições sobre o tempo e as circunstâncias dos sofrimentos dos crentes “por Cristo”

– ou como optou a RA, “sofrimentos referentes a Cristo” – não é só plausível, como provável.

Pedro disse que os profetas anunciaram de antemão os sofrimentos referentes a Cristo e **as glórias que os seguiriam**. O substantivo grego traduzido por “glórias” está mesmo no plural. Se a referência for à glória que Deus deu a Jesus em Sua ressurreição e ascensão, é estranho que Pedro tenha usado a forma plural. Por outro lado, se o apóstolo se refere à alegria indizível dos crentes, “cheios de glória” (1 Pedro 1:8), quando o Senhor voltar, o plural faz todo sentido. É mais provável que os profetas do Novo Testamento tenham predito “glórias” à espera dos crentes perseguidos, e não que os profetas do Antigo Testamento tenham predito glórias por Cristo. Por todas estas razões, é melhor pensar nos profetas, os sujeitos de 1:10–12, como profetas do Novo Testamento. A exegese a seguir se desenvolverá com base nisto.

A palavra **salvação** em 1:10 reporta-se ao versículo anterior. O fim da fé cristã é a salvação de almas. Pouco sabemos sobre a obra dos profetas do Novo Testamento. Se Ágabo é alguma indicação (Atos 11:27, 28; 21:10, 11), a predição era um elemento mais importante na obra dos profetas do que foi para alguns no Antigo Testamento¹⁶. É digno de nota que Ágabo entrou em cena no início da história da igreja, talvez menos de quinze anos após o Pentecostes. A maneira casual com que Ágabo foi apresentado sugere que a presença de profetas na vida da igreja não era novidade. Pedro sugeriu que os profetas do Novo Testamento, além de prever o futuro, indagavam o Novo Testamento e as palavras de Jesus, investigando, atentamente, as informações sobre o curso que a igreja tomaria à medida que fosse desvendada a revelação de Deus. Não é difícil imaginar que a presença de profetas na igreja tenha estimulado alguns crentes a anotarem as palavras e feitos de Jesus. Nos profetas podemos encontrar uma explicação de como e por que a igreja produziu os Evangelhos.

Baseados em suas pesquisas minuciosas de fontes escritas e orais, os profetas do Novo Testamento falaram “acerca da graça a vós outros destinada” (1:10). Pedro parece ter usado a palavra “graça” no

¹⁶Muitas obras acadêmicas analisam a questão de os profetas do Novo Testamento serem ou não membros fixos de igrejas (como talvez indique 1 Coríntios 12) ou peregrinos (como sugerem as cartas de João e o *Didachê*). Consulte mais informações em David Hill, *New Testament Prophecy*. Atlanta: John Knox Press, 1979, pp. 104–9.

sentido clássico, que significa “benevolência” ou “atratividade”. Kelly escreveu que se trata de “toda a ação benevolente de Deus, da qual a salvação é a consumação”¹⁷. A graça que os profetas profetizaram era “a vós outros” (εἰς ὑμᾶς, *eis humas*), ou seja, aos leitores de Pedro. Esses cristãos, na maioria, tinham uma formação gentílica, e não judaica (veja os comentários sobre 1:14, 18)¹⁸. Atos e Gálatas deixam claro que a igreja primitiva lutou muito com a questão dos gentios (por exemplo, Atos 11:2, 3; 15:5; 21:20; Gálatas 5:4). Deveriam os gentios ser chamados para seguir a lei de Moisés e depois se tornar cristãos? Talvez os profetas do Novo Testamento de formação judaica tenham sido importantes para apoiar Paulo e outros que rejeitavam os gentios. Pedro parecia estar dizendo que, desde os primórdios, os profetas da igreja predisseram que os gentios deveriam participar da graça de Deus.

Os profetas investigaram “qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava”. Conforme já mencionamos na página anterior, as traduções RA e NVI são semelhantes, mas há divergência em outras versões como a inglesa NASB. A expressão difícil é εἰς τίνα ἢ ποῖον καιρὸν (*eis tina e poion kairon*). O pronome interrogativo *tina* pode estar desvinculado de outro termo, significando “que pessoa”, ou pode estar complementando *poion kairon*, significando “que ou que tipo de tempo”. Entendido no segundo sentido, a sugestão é que os profetas do Novo Testamento inquiriam que tempo os sofrimentos dos cristãos por Cristo aconteceriam, e sob quais tipos de circunstâncias. Entendido no primeiro sentido, os profetas do Antigo Testamento inquiriram quem era o prometido de Deus. Gramaticalmente, a expressão pode ser entendida das duas maneiras. A defesa de cada opção deve se basear no contexto. O contexto determina que os profetas do Novo Testamento são o sujeito de Pedro. Nesse caso, as traduções da RA e NVI são preferíveis. Já comentamos a expressão “ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiram”. Acreditamos que a tradução “os sofrimentos por Cristo”, ou “referentes a Cristo”, encaixa-se na gramática e no contexto melhor do que “os sofrimentos de Cristo”. Entendendo que os sofrimentos são

“por Cristo”, segue-se que “as glórias” que Pedro tinha em mente são as glórias que os cristãos esperam no fim dos tempos.

A interpretação de 1:10–12 depende de como os leitores entendem as palavras τὰ εἰς Χριστὸν παθήματα (*ta eis Christon pathemata*), se a referência é aos “sofrimentos de Cristo” ou aos “sofrimentos por Cristo”. Apesar da complexidade da dúvida, por várias razões, a opção “os sofrimentos por Cristo” é preferível. Vejamos um resumo dessas razões: 1) Pelo que sabemos da obra dos profetas, é mais provável que os profetas do Novo Testamento tenham indagado e inquirido as Escrituras a fim de entender o sofrimento dos cristãos por Cristo, do que deduzir que os profetas do Antigo Testamento indagaram as Escrituras a fim de entenderem o sofrimento do próprio Cristo. 2) A ação do Espírito de Cristo nos profetas do Novo Testamento é perfeitamente compreensível. Não esperaríamos que Pedro dissesse que “o Espírito de Cristo” estava agindo nos profetas do Antigo Testamento. 3) A tradução “os sofrimentos por Cristo” dá um sentido melhor à preposição grega εἰς (*eis*) do que a tradução “os sofrimentos de Cristo”. 4) O plural “glórias” é natural se Pedro tinha em mente as glórias que os cristãos experimentarão quando o Senhor voltar. O plural é obrigatório se a referência é ao que aconteceu a Jesus após Sua crucificação. Por estas razões, é melhor entenderemos que os profetas a que Pedro se referiu são profetas do Novo Testamento¹⁹.

Aos profetas foi **revelado** por Deus que, ao investigarem o momento e a circunstância do sofrimento cristão, eles **não ministravam para si mesmos, mas para vós outros** (1:12). O alvo do ministério dos profetas era ministrar para os santos. Paulo se considerava apóstolo e profeta (1 Coríntios 14:5, 6). Ele entendia que seu papel em ambas as capacidades era de um servo aos que conheceram a Cristo mediante sua pregação. “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1 Coríntios 9:19). Os cristãos precisavam de todo estímulo que pudessem receber para permanecerem fiéis. Jesus advertira e pronunciara que bem-aventurados eram os que sofressem por Suas causa

¹⁷Kelly, p. 59.

¹⁸Hort escreveu: “O favor e a aceitação especialmente em vista aqui devem ser o favor demonstrado na admissão dos gentios na aliança”. (Hort, p. 49.)

¹⁹Vejamos um ponto de vista contrário em Wayne A. Grudem, *The First Epistle of Peter: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries, vol. 17. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, pp. 69–71. Grudem apresenta argumentos não convincentes e forçados.

(Mateus 5:10–12). Paulo preparou os convertidos para o que os aguardava com as palavras: “...através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22). Quando os profetas inquiriram de antemão acerca da natureza do desenvolvimento da igreja e da natureza da oposição que ela receberia dos não crentes, eles não estavam satisfazendo uma vã curiosidade, ou seja, não estavam servindo a si mesmos. O que eles vieram a saber serviu para fortalecer a fé dos cristãos. Eles ajudaram os crentes a entender a relação entre seus próprios sofrimentos e a salvação que Deus lhe providenciou pela graça.

E os profetas haviam ministrado aos leitores de Pedro de outras maneiras. Além de investigarem a futura revelação de acontecimentos, ministraram aos leitores de Pedro **as coisas que, agora, vos foram anunciadas**. Foram eles, os profetas, que proclamaram o evangelho a eles **pelo Espírito Santo enviado do céu**. Os profetas no Novo e no Antigo Testamentos tinham uma mensagem para os seus contemporâneos. Não é necessário supor que todos que pregaram o evangelho aos leitores de Pedro eram profetas, nem devemos supor que os profetas nada fizeram além de pregar o evangelho. Pregaram o evangelho era uma das obras dos profetas. É significativo que Pedro tenha mencionado a supervisão da obra dos profetas pelo “Espírito Santo”. Na obra que realizaram, os profetas esperavam e receberam poder e direção do Espírito Santo. Entre os dons do Espírito distribuídos aos cristãos estava o dom de profecia (1 Coríntios 12:10). Os que receberam esse dom anunciaram a mensagem que os leitores de Pedro ouviram.

E Pedro fez um acréscimo que parece uma explicação tardia: **coisas essas que anjos anelam perscrutar**. Tudo o que podemos dizer sobre anjos é que eles aparecem na Bíblia. Nós os encontramos fazendo coisas sob a ordem de Deus. Eles são mensageiros de Deus. Além disso, é perigoso construir uma teologia de anjos com base nas escassas informações ao nosso alcance. Quando Pedro disse que anjos desejavam perscrutar as coisas reveladas aos cristãos, ele revelou as proporções cósmicas da mensagem do evangelho. Essas palavras exprimem aos leitores a relevância da mensagem que os salvou. Pedro não estava nos convidando a investigar o local ou posição dos anjos, o sistema organizacional de Deus; muito menos nos convidando a especular sobre a origem dos anjos. As bênçãos que os profetas levaram aos cristãos quando lhes

anunciaram o evangelho era de tamanha relevância que por muito tempo no passado os anjos de Deus ansiavam saber de seu cumprimento. A implicação é que o que fora negado aos anjos agora fora realizado aos crentes.

UM POVO SANTO (1:13–16)

¹³**Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.** ¹⁴**Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância;** ¹⁵**pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento,** ¹⁶**porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.**

Em todo o Novo Testamento, a volta do Senhor e o julgamento de Deus sobre este mundo servem como um apelo para o homem endireitar seu comportamento ético. Isto não é menos evidente em 1 Pedro do que nos demais livros. Diante das provações, os cristãos devem “esperar inteiramente na... revelação de Jesus Cristo”.

Versículo 13. O apóstolo havia lembrado seus leitores de que foram chamados e da esperança que tinham de uma herança incorruptível. Ele também reconheceu e explicou a razão das provações que estavam enfrentando. Dentre todos os seres humanos, os cristãos são os mais abençoados, os que devem ser mais admirados. Tudo isso aconteceu pela graça de Deus revelada a eles no evangelho que ouviram. Após essa explanação vem uma preposição: **por isso**. Como uma esperada consequência da graça recebida, o apóstolo rogou que seus leitores **cingissem o [seu] pensamento**. O rogo continuou a lembrar seus leitores de suas raízes na história de Israel, embora o lembrete fosse sutil. A imagem é de pessoas cingindo túnicas leves e largas, elaboradas para protegê-las do vento e do calor do clima seco e árido. As túnicas eram excelentes para as atividades domésticas do dia-a-dia, mas eram incômodas para o indivíduo se locomover rapidamente. Para o trabalho ou viagens rápidas quem usava túnicas largas tinha que “erguê-las”, ou seja, enrolá-las ou arregaçá-las até a cintura. As pessoas que viviam no antigo Oriente Próximo, que experimentavam o calor árido dessa parte do mundo, sabiam como era usar túnicas largas e tentar trabalhar com elas (Êxodo 12:11; 1 Reis 18:46; 2 Reis 4:29; 9:1; Jó 38:3; Lucas 17:8).

Pedro usou essa figura de linguagem para chamar seus ouvintes à ação. Ser cristão era mais do que gozar da esperança de uma herança eterna; era mais do que meditar no dom gracioso que Deus lhes deu. A esperança que eles tinham deveria ser uma motivação para viverem a vida nobre, piedosa e santa para a qual foram chamados. Deveriam viver a vida que o Senhor os orientou a viver à altura das bênçãos que já desfrutavam da herança que em breve se cumpriria plenamente.

A versão NTLH parece ilustrar a dificuldade de transportar uma figura de linguagem para outros tempos, culturas e línguas: “estejam prontos para agir”. Os tradutores têm que decidir até onde estão dispostos a ir a fim de preservar o estilo do documento original. A tradução literal da RA, “cingindo o vosso entendimento”, requer que o leitor de hoje esteja familiarizado com os costumes do mundo antigo. De outra forma, a figura de linguagem perderá seu significado. A NVI procurou interpretar a expressão idiomática de maneira de que o leitor moderno se expressaria: “estejam com a mente preparada, prontos para a ação”. Neste caso, o leitor precisa de menos esforço para entender os costumes antigos de vestimenta. As duas filosofias de tradução são defensáveis.

Desfrutar a posição de cristão requer pureza de mente, singeleza de dedicação, daí o apelo: **sede sóbrios**. O significado literal do verbo νηφω (*nefo*), “ser sóbrio”, tanto em português como em grego, é “ser ou estar livre de embriaguez”. Em ambas as línguas, porém, ele também tem um sentido figurado, a saber, “exercer o autocontrole”, “ser moderado e sério”. Pedro usou essa palavra para lembrar seus leitores de que a vida humana é, afinal, um assunto sério. A vida não tem que ser mórbida, mas deve ser levada a sério. Para o incrédulo que leva a sério sua incredulidade, a vida não é um assunto sério. Ela pode ser trágica ou divertida, mas não é séria. Se não há um sentido último na vida, não há razão para levá-la a sério, nem para ser sóbrio²⁰. O mundo Greco-romano em que Pedro e seus leitores viviam não desconhecia a abordagem cínica e fatalista da vida bem exprimida pela frase

²⁰Um fato fascinante sobre um autor como Albert Camus é seu anseio por honestidade na ausência da crença em Deus. Em “O Mito de Sísifo”, Camus afirmou: “Essa razão universal, prática ou ética, esse determinismo, essas categorias que explicam tudo são suficientes para fazer um homem honesto rir”. (Albert Camus, *The Myth of Sisyphus, and Other Essays*, trad. Justin O’Brien. Nova York: Vintage Books, 1955, p. 16.)

latina *carpe diem*, “aproveite o dia”. Desfrute o dia, mesmo que seja a custa de pessoas sem esperança. Não há nada senão o dia para se aproveitar. Além do dia existe a escuridão eterna do túmulo. Nesse mundo de ideias, qualquer apelo por sobriedade é supérfluo ou cômico.

Fé e sobriedade levaram Pedro a admoestar os irmãos a **esperar inteiramente na graça que [lhes estava] sendo trazida na revelação de Jesus Cristo**. Esta é a primeira ocorrência de uma série de imperativos²¹. Ele acrescentaria “tornai-vos santos” (1:15), “portai-vos com temor” (1:17) e “amai uns aos outros” (1:22). Aqui e em outros versículos do Novo Testamento, “esperança” equivale a uma expectativa confiante, não a um desejo vago. Ela estabelece um rumo para a vida que é determinado pelo que se espera. A esperança é um fundamento sobre o qual se constrói uma vida de santidade.

Toda esperança cristã converge para a expectativa da revelação de Cristo. Em alguns contextos, a “revelação de Jesus Cristo” denota uma mensagem de Cristo (Gálatas 1:12; Apocalipse 1:1); mas aqui ela significa, como em 1:7, a volta de Jesus Cristo no fim dos tempos. Nessa ocasião, Ele será revelado em toda a Sua glória. As três palavras importantes desta frase são “esperança”, “graça” e “revelação”. Todas as três confirmam que a história está caminhando para uma direção. Visto que Deus é a origem da criação, é Ele quem determina para onde vai a ordem criada. Cientes de que a história humana terminará com a volta do bondoso Senhor, os cristãos esperam. A revelação de Jesus Cristo corresponde à graça sobre a qual o cristão deve depositar confiadamente a sua esperança. A esperança será consumada quando Deus revelar-Se no julgamento com a vinda de Jesus Cristo. A revelação em si é a graça de Deus, ou seja, Sua atuação graciosa.

Versículo 14. As mensagens de Pedro e Tiago são iguais. Tiago queria que seus leitores entendessem que a fé, por sua natureza, acarreta obras. À semelhança de **filhos da obediência**, Pedro queria que os cristãos soubessem que a santificação, por sua natureza, acarreta obediência. Graficamente, poderíamos apresentar esta ideia da seguinte maneira:

²¹Além disso, o contexto sugere que os particípios gregos “cingindo o vosso entendimento” (1:13) e “não vos amoldeis” (1:14) são usados com a força de imperativos.

FÉ:OBRAS – SANTIFICAÇÃO:OBEDIÊNCIA
(ou a “fé” está para as “Obras” assim como a
“Santificação” está para a “Obediência”)

Em 1:2, 1:14 e 1:22, a obediência e a santificação estão ligadas. Pedro chamou seus leitores de “filhos da obediência” porque a obediência deveria ser uma característica deles²².

Considerando que os leitores de 1 Pedro eram “filhos da obediência”, eles não deveriam se **amoldar às paixões que tinham anteriormente**. O tema de os seguidores de Cristo terem que abandonar os desejos da carne que governam o comportamento do mundo seria retomado pelo apóstolo em 4:2. A palavra traduzida por “paixões” aqui e em 4:2 (ἐπιθυμία, *epithumia*) pode ser usada para bons desejos e maus desejos. Pedro usou esse substantivo sempre para desejos malignos. A palavra de modo algum se restringe aos desejos sexuais e sua forma verbal foi usada positivamente em 1:12 para os desejos dos anjos.

A referência ao estilo de vida anterior dos destinatários indica que eles eram em grande parte convertidos gentios. É improvável que Pedro, sendo ele mesmo judeu, descrevesse outros judeus agindo **na ignorância** de seus desejos anteriores. Afinal, aos judeus foram confiados “os oráculos de Deus” (Romanos 3:2). Não viviam na ignorância total.

Quando Pedro disse que seus leitores não deveriam se “amoldar”, ele usou a palavra συσχηματίζομαι (*suschematizomai*)²³, que só ocorre aqui e em Romanos 12:2 no Novo Testamento. Tanto aqui como em 2:1 há semelhanças verbais entre 1 Pedro e Romanos 12:1, 2. É possível, e até provável, que Pedro tenha lido Romanos e incorporado algumas expressões de Paulo em sua própria carta. As palavras de Pedro sugerem que os crentes não devem permitir que seus desejos carnis (veja 4:2) os arrastem de volta ao antigo estilo de vida. Em 4:3, ele enumerou algumas coisas que eram características naqueles crentes antes de se converterem (veja Gálatas 5:19–21). Michaels traduziu a frase por: “Não cedam aos impulsos que antes os induziam.”²⁴ Se o fizessem, acabariam sendo moldados ao esti-

lo de vida que tinham no passado e que ainda era característico em seus contemporâneos. Pior ainda, acabariam se separando do Senhor, em quem eles haviam depositado sua esperança.

É digno de nota que Pedro relacionou os desejos maus do passado de seus leitores com a “ignorância” deles no passado. Não conhecendo a Deus, o mundo gentílico patinava no pecado. Embora seja errado igualar o pecado à ignorância, é certo que uma mente iluminada entende que as consequências do pecado produzem vidas destruídas, desgraça e separação de Deus. Pecado e ignorância são aliados naturais. Os leitores de Pedro já não estavam em ignorância. O evangelho fora anunciado a eles (1:12). Seguir os desejos da natureza carnal seria um endosso de ignorância.

Versículo 15. Usando uma conjunção adversativa forte e enfatizando o pronome – em contraste com a ignorância em que estavam no passado – Pedro admoestou: **Segundo é santo Aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos**. Uma coisa essencial à santificação é a obediência a Deus. O chamado à obediência no versículo 14 se iguala ao rogo por santificação no versículo 15. Ser filhos da obediência é ser “santos”. Deus é o padrão de santidade. Sua perfeição é o alvo do viver cristão. Jesus disse: “Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mateus 5:48). A santidade e a perfeição de Deus foram vivificadas na carne na pessoa de Cristo. Logo, a vida de Cristo é o modelo para os crentes: “deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos” (1 Pedro 2:21). Os cristãos não podem justificar seus pecados com frases do tipo “Eu sou apenas um humano”. Uma coisa notável sobre o evangelho é que Deus reconhece que nós somos humanos. Ele reconheceu a corrupção dos seres humanos, mas, por Sua graça, enviou um Salvador mesmo assim. Pela graça há salvação, porém não devemos abusar da graça de Deus. O alvo da vida humana é santidade. É a impossibilidade de obter santidade pelos seus próprios esforços que atrai os cristãos irresistivelmente para a graça.

O apóstolo lembrou os cristãos que eles desfrutavam as bênçãos da salvação e a esperança porque Deus tomou a iniciativa de “chamá-los”. Pedro abriu a carta lembrando seus leitores que eles eram o povo escolhido de Deus. Todavia, isto não queria dizer que eles foram chamados pela ação divina, independentemente de suas próprias vontades. Foram chamados quando o evangelho foi a eles pregado (1:12). Quando uma criança está brincando

²²Veja a expressão judaica em 2 Samuel 7:10, “filhos da perversidade” (compare com Mateus 8:12, “filhos do reino” e Efésios 2:3, “filhos da ira”).

²³O texto tem συσχηματίζομενοι (*suschematizomenoi*), que tecnicamente é um particípio, porém aqui é usado com a força de um imperativo.

²⁴Michaels, p. 51.

no quintal e sua mãe a chama para comer, a criança pode ignorar a chamada (como costumam fazer as crianças) ou pode entrar na casa e sentar-se à mesa com a família. Enquanto a criança continuar brincando, não estará entre os chamados. Se ela entrar e sentar-se para comer, estará entre os chamados. É preciso uma resposta significativa, um ato de obediência do indivíduo que ouve o evangelho, para que ele esteja entre os chamados por Deus.

A conhecida definição de “santo”, “separado para Deus”, é útil. Todavia, a inadequação desta definição fica evidente pelo fato de Deus ser santo. Não diríamos que Deus está “separado para Deus”. A santidade de Deus se manifesta por Sua diversidade transcendente e por Sua suprema grandeza; mas, neste contexto, Pedro fez referência, particularmente, à perfeição moral de Deus. A santidade divina é a antítese da ignorância em que antes viviam os leitores de Pedro (1:14). Deus jamais se comporta como os seres humanos costumam se comportar, considerando outros indivíduos como coisas a serem usadas para a sua conveniência. Deus nunca age com malícia ou engano. Ele só procura o bem-estar da Sua criação. É por isso que os cristãos, **em todo [seu] o procedimento**, devem ser santos. João reconheceu a santidade de Deus quando escreveu: “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos. Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 João 5:2, 3). Grudem disse que santidade é “manter um encanto instintivo por Deus e Sua santidade como uma tendência do coração e da mente”²⁵.

Versículo 16. O apóstolo recorreu a Levítico 11:44 e 45. Sem a santidade divina, não há como entender, muito menos definir, conceitos como bom e mau, certo e errado. Quando Pedro instruiu os cristãos a serem santos como Deus é santo, ele confirmou que a base de ética e moralidade é a santidade de Deus²⁶. A razão final para sermos bons é que Deus é bom. A santidade para o crente significa a separação da imoralidade e dos ideais do mundo. É uma dedicação total e sem reservas à entrega das afeições e do comportamento pessoal para a glória de Deus²⁷.

Existe uma relação entre o chamado à sobriedade em 1:13, o chamado à santidade em 1:16 e o

chamado ao temor em 1:17. Todos os três conceitos encontram sua lógica na existência de Deus. Dizer que Deus é santo significa que Ele é totalmente isento dos tipos de comportamento que desabonam e envergonha o pecador. Ele é verdade, amor, bondade e uma infinidade de outras qualidades sem concessões. Sua santidade é a inspiração e o padrão para a santidade dos discípulos de Cristo. O cristão deve, antes de tudo, conhecer a Deus. Daí, por conhecer a Deus, ele sabe como se comportar. A ética flui da teologia.

PORTAI-VOS COM TEMOR (1:17–21)

¹⁷Ora, se invocais como Pai aquele que, sem aceção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação, ¹⁸sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, ¹⁹mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, ²⁰conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós ²¹que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

Deus é um Pai amoroso e também um Juiz supremo. Os dois retratos oferecem incentivos para o cristão viver uma vida de benignidade amoldada pela benignidade de Cristo.

Versículo 17. Quando Pedro escreveu **se invocais como Pai**, o sentido não era que eles poderiam ou não optar por se dirigir a Deus como Pai. Antes, a premissa do apóstolo era que eles, de fato, se dirigiam a Deus dessa forma. Tampouco se tratava de uma sugestão como: “Se vocês ousam invocar Deus como Pai”. Pedro usou a conjunção “se” no sentido de “uma vez que”, “visto que”, introduzindo uma afirmação verdadeira. “Se é verdade, e é, que vocês invocam...” Visto que Deus chamou o crente (1:15), este pode invocar Deus ou recorrer a Ele em busca de apoio e ajuda.

A paternidade de Deus não é desconhecida no Antigo Testamento (Salmos 82:6; Oseias 11:1). Todavia, Jesus acrescentou uma intimidade, uma dinâmica pessoal, ao relacionamento entre Deus e Sua criação, quando revelou Deus como Pai. Tal-

²⁵Grudem, p. 79.

²⁶Ibid., p. 80.

²⁷Ladd, p. 564.

vez tenha sido porque Jesus usou a palavra “Aba” em Sua oração no jardim (Marcos 14:36), que esse afetuosos termo aramaico passou a ser proferido pela igreja grecofônica (Romanos 8:15; Gálatas 4:6). Para Pedro, Deus não era uma força pessoal que fazia o mundo andar suavemente, nem era uma divindade caprichosa como Zeus, ora fustigando, ora favorecendo a humanidade.

Deus é Pai para quem O ama, mas esse não é o principal destaque de Pedro; nem era o suposto pano de fundo para o imperativo no fim do versículo 17. Pedro destacou a santidade e a paternidade de Deus, porém não hesitou em recordar que Deus também era Juiz. O povo antigo não teria dificuldade para conceber Deus como Pai e Juiz, ao mesmo tempo. Eles considerariam plausível o crente comparecer perante Deus Pai com temor, com os joelhos curvados em submissão. O Pai amoroso também é o Deus Todo-Poderoso, um fogo consumidor (Deuteronômio 4:24; Hebreus 12:29).

Se os cristãos, teoricamente, conseguissem amar a Deus livres das influências depravadoras da carne e do pecado, não haveria necessidade de apelar para o temor como motivação para viverem piedosamente. É por isso que João disse: “O perfeito amor lança fora o medo” (1 João 4:18). Os cristãos lutam por perfeição, porém convivem com a influência corrosiva do pecado. É por isso que Pedro disse aos crentes: **Portai-vos com temor**. O julgamento futuro não é a única motivação para se viver uma vida de santidade, mas é uma motivação. Embora seja verdade que o soberano julgamento de Deus se manifesta nesta era, Pedro tinha em vista o julgamento que levará esta era ao seu fim. Deus será Juiz quando a salvação for revelada “no último tempo” (1:5).

Não deve ser por acidente que Pedro salientou o julgamento imparcial de Deus referente à obra de cada indivíduo. Ainda que agindo com falsidade, os fariseus disseram a verdade quando se aproximaram de Jesus admitindo que Ele não Se deixava influenciar por ninguém: “Sem te importares com quem quer que seja” (Mateus 22:16). Diante da imparcialidade de Deus, Tiago achou irônico seus leitores demonstrarem favoritismo (Tiago 2:1–4). Talvez nada seja mais universal na sociedade humana do que o fato de existirem “os grandes” e “os pequenos”. “Os grandes” controlam o poder econômico e político. Esperam e recebem respeito dos outros. Aos “pequenos” resta este consolo: Deus não faz acepção de pessoas. Porque Deus é imparcial, o últi-

mo dia trará uma grande inversão. Ao homem rico, Abraão disse: “Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos” (Lucas 16:25). Todos terão que comparecer perante Deus no último dia. Pedro deixou claro que Deus, **sem acepção de pessoas, julga**.

Ernest Best sugeriu que a passagem implica que Deus não faz distinção ao julgar o cristão e o não cristão²⁸. Isto certamente nada tem a ver com a ideia principal de Pedro. O apóstolo admoestou os cristãos a viverem vidas santas. Ele admoestou lembrando-os de que Deus é Juiz. Além disso, Deus julgará **segundo a obra de cada um**, segundo o que cada um fez. Paulo expôs a mesma ideia: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (2 Coríntios 5:10). Embora seja verdade que a salvação é pela graça de Deus e que ninguém pode merecer ou comprar um lugar no céu, também é verdade que o julgamento de Deus será com base nos feitos do homem. Aparentemente, como afirmou Tiago (Tiago 2:17), não se separa fé de comportamento.

A palavra grega *παροιμία* (*paroikia*) está no que foi traduzido por **durante o tempo da vossa peregrinação**. *Paroikia* tem o significado semelhante ao da palavra *παρεπίδημος* (*parepidemos*), traduzida em 1:1 por “aos que são forasteiros”. Na sociedade grega secular, as duas palavras se referiam aos que viviam numa cidade, porém sem os direitos de cidadania. Talvez muitos leitores de Pedro fossem literalmente “não cidadãos” onde residiam²⁹. Qualquer que seja a relação deles com as autoridades da cidade, Pedro e seus leitores não possuíam um título permanente referente ao mundo material em que viviam. As palavras referiam-se a Abraão, um peregrino em Canaã. Quando o patriarca quis um lugar para sepultar o corpo de Sara, teve de comprar uma gruta dos moradores daquela terra. Ele disse aos filhos de Hete: “Sou estrangeiro e morador entre vós; dai-me a posse de sepultura convosco...” (Gênesis 23:4). Deus não permitiria que Israel se esquecesse de que, assim como os leitores

²⁸ Ernest Best, *1 Peter*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1971, p. 87.

²⁹ John H. Elliott, *Home for the Homeless: A Sociological Exegesis of 1 Peter, Its Situation and Strategy*. Filadelfia: Fortress Press, 1973, p. 42.

de Pedro, eram caminhantes, a passar por ali rumo à cidade cujo construtor era Deus (Levítico 25:23; 1 Crônicas 29:15; Salmos 39:12; Hebreus 11:10).

Versículo 18. O assunto é uma continuidade dos versículos 15 e 17. Os cristãos devem viver num patamar moral elevado porque 1) a santidade de Deus os compele a serem santos e 2) Deus é Juiz. O Deus que é Pai também é Juiz. Agora, o apóstolo introduziu uma terceira motivação para uma vida piedosa: eles foram comprados. Foram remidos. O apóstolo queria que seus irmãos fossem o povo que Deus queria que fossem ao comprá-los. Deveriam se portar com temor, **sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que [foram] resgatados.** O resgate ou redenção teve um preço considerável. O particípio “sabendo” pode carregar a nuance de “visto que vocês sabem”, ou “porque vocês sabem”. Em todo caso, Pedro queria que seus leitores se comportassem como o povo resgatado ou remido que deveriam ser. Essencialmente, ele disse: “Sejam o que Deus os comprou para ser”.

O Novo Testamento oferece uma variedade de metáforas para ajudar os crentes a entender o que aconteceu na cruz. Uma delas é que Cristo morreu para pagar um resgate pelas almas dos crentes³⁰. Entre os contemporâneos de Pedro, ser “resgatado” (λυτρώμαι, *lutroomai*) referia-se comumente a pagar um resgate por um prisioneiro de guerra ou ao preço para se libertar um escravo. O verbo grego que Pedro usou para “resgatados” não é tão comum no Novo Testamento como pode sugerir seu frequente uso nos círculos cristãos. O verbo ocorre somente em Lucas 24:21; Tito 2:14; 1 Pedro 1:18. Dois substantivos relacionados ocorrem outras cinco vezes (Mateus 20:28; Marcos 10:45; Lucas 1:68; 2:38; Hebreus 9:12). Palavras com significados semelhantes traduzidas por “resgate” ou “redenção” também ocorrem em outras passagens (Romanos 3:24; 1 Coríntios 1:30; Efésios 1:7; Colossenses 1:14; 1 Timóteo 2:6; Hebreus 9:15).

O próprio Jesus disse: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:28; Marcos 10:45). Só Deus sabe por que a morte de Jesus era necessária, como a cruz tornou-se o pagamento pelos pecados humanos e como o pecado é apagado pelo sangue do Cordeiro. A ideia de que ofertas de

sangue forjavam um vínculo entre um adorador e a divindade já era comum no mundo antigo³¹. “Resgate” ou “redenção”, “reconciliação” (2 Coríntios 5:19) e “propiciação” (1 João 2:2) são palavras importantes para guiar os cristãos, à medida que analisam a importância da morte de Jesus na cruz. “Expição” é uma quarta palavra de significado importante, embora as versões em português comumente limitem seu uso a passagens do Antigo Testamento³².

Os cristãos foram comprados de um **fútil procedimento**. Além de terem sido “resgatados” para desfrutarem, futuramente, de uma vida com Deus, os leitores de Pedro tinham sido “resgatados” do infeliz estilo de vida que o mundo seguia. Esta é a segunda vez que Pedro usou a palavra ἀναστροφή (*anastrophe*), que significa “modo de vida, conduta, comportamento”. Ela também apareceu em 1:15. Das treze ocorrências desse vocábulo no Novo Testamento, oito se encontram nas cartas de Pedro. É evidente que essa palavra era importante para Pedro. Era necessário que os cristãos tivessem vidas santas para honrar a Deus e participar da herança eterna, e também era importante que, mesmo enfrentando provações piores, eles fossem exemplos de um procedimento aprovado.

O fútil procedimento daqueles cristãos fora **legado por seus pais**. Na cruz, Jesus resgatou os cristãos de uma vida inútil e desprezível. A vida “fútil” de seus antepassados é mais uma indicação de que os leitores da carta eram, na maioria, convertidos gentios. No passado, seus pais, não judeus, foram excluídos de participar da herança do povo de Deus. Um judeu, mesmo um judeu convertido a Cristo, nunca falaria da vida em obediência à lei de Moisés como um procedimento “fútil”.

Versículo 19. Nada do que os humanos consideram precioso, nem ouro nem prata, nada do que valorizam, nenhum de seus tesouros pode resgatá-los do poder corrosivo do pecado. A redenção que os cristãos desfrutaram foi paga com o **precioso sangue... de Cristo**. O ouro e a prata são perecíveis, transitórios, do mundo. O ouro e a prata não oferecem nenhuma herança incorruptível, sem mácula e imarcescível (1:4). O sangue de Cristo é incorruptível, pois o preço do resgate que Ele pa-

³¹Francis Wright Beare apresentou uma exposição detalhada sobre os derivados da palavra *lutroomai*, tanto no Antigo Testamento como no mundo pagão. (Francis Wright Beare, *The First Epistle of Peter: The Greek Text with Introduction and Notes*, 3a. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1970, pp. 103–5.)

³²As versões RA, RC e NVI usam “resgate”, “redenção” e “remissão” no lugar de “expição” no Novo Testamento.

³⁰Best argumentou que a palavra como Pedro a usou era uma referência a libertação, e não ao preço de um resgate. (Best, p. 89.)

gou não pode ser corrompido, diluído nem anulado por nada que o homem faça. Quando medimos a grandeza da redenção pelo preço que foi pago, nós, cristãos, temos uma motivação poderosa para ter uma vida aprovada por Deus.

Pedro acreditava que havia uma relação direta entre a oferta dos sacrifícios de sangue prescritos na lei de Moisés e a morte de Jesus na cruz. Jesus, como um **cordeiro sem defeito e sem mácula**, foi abatido pelo conluio de judeus e romanos, representantes da raça humana. Será que Pedro pensava, particularmente, no cordeiro pascal? A resposta é incerta. Em primeiro lugar, resgate ou redenção não é a primeira coisa que vem à mente quando se lê as instruções para a observância da páscoa judaica em Êxodo 12. O abate e o consumo do cordeiro visavam fazer Israel lembrar-se de que Deus os escolheu e os libertou do Egito. A libertação parece não ter relação com o preço pago em resgate por um cordeiro. É verdade que o cordeiro deveria ser sem defeito (Êxodo 12:5), mas o sacrifício de cordeiros sem defeito já fazia parte de ritos que nada tinham a ver com a páscoa judaica (Números 28:3, 9, 11).

Em segundo lugar, a páscoa judaica não exigia especificamente um cordeiro. O sacrifício tinha que ser de um dos animais menores do rebanho, um cordeiro ou um cabrito. Em terceiro lugar, a preocupação de Pedro consistia em que seus leitores tivessem vidas moralmente corretas (1:14, 15). A vida de Cristo sem defeito e sem mácula era importante como modelo para o comportamento cristão. Pedro não estava interessado nos cordeiros oferecidos em sacrifícios, mas no caráter de Jesus. Em quarto lugar, Pedro parece ter usado a metáfora do cordeiro por causa de seu uso em Isaías 53, e não por causa de seu uso na cerimônia da páscoa judaica. Ele melhorou o texto de Isaías 53 em 1 Pedro 2:22–25.

Pelas razões acima citadas, é improvável que o cordeiro pascal seja relevante à admoestação de Pedro para que tivessem vidas santas. Ademais, este é um aviso de que devemos ser cautelosos ao interpretar “Cordeiro”, quando o termo se refere a Cristo (João 1:29; Apocalipse 5:6 e outras ocorrências em Apocalipse), a “páscoa”. É verdade que Paulo referiu-se a Jesus como “nossa páscoa” (1 Coríntios 5:7), mas não há referência a um cordeiro. (Algumas versões, desnecessariamente, inserem a palavra no texto.) Na verdade, Paulo não se referiu nenhuma vez a Jesus como um cordeiro. A única associação clara entre Jesus e o cordeiro pascal está em João 19:36, onde o apóstolo citou

Êxodo 12:46 se cumprindo por não terem quebrado nenhum osso de Jesus. O cordeiro pascal não podia ter nenhum osso quebrado. Mesmo assim, é, no mínimo, questionável associar o cordeiro pascal com todas as referências metafóricas a Jesus como um cordeiro.

Versículo 20. Como Esclareceu Pedro ao referir-se à presciência de Deus (1:2), todos os acontecimentos relativos a Cristo e ao estabelecimento da Sua igreja não foram ideias de última hora concebidas por Deus; não houve um plano de contingência³³. O apóstolo disse que a Cristo já era **conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo**. Embora tenha sido a presciência divina da pessoa do próprio Jesus que Pedro destacou, podemos afirmar que a presciência dos atos redentores de Deus em Jesus também está implícita aqui. “O que estava decidido desde a eternidade não era simplesmente que Jesus Cristo viria ao mundo, mas que Ele cumpriria determinado papel.”³⁴ Todavia, mesmo com essa concessão, é um salto considerável partir da alegação de que Deus planejou a redenção humana em Cristo, para a conclusão de que Deus sabia de antemão, e até predeterminou o destino individual de cada pessoa que venha a nascer. Os cristãos têm a certeza de que a redenção que desfrutam é de consequência eterna. O Cristo que derramou Seu sangue já existia com Deus desde sempre. “A fundação do mundo” equivale à criação do mundo, como é comum no Novo Testamento (Mateus 25:34; João 17:24; Efésios 1:4; Hebreus 4:3).

Esse Jesus eterno, conhecido de antemão, foi **manifestado no fim dos tempos**. É à luz disso que os crentes poderiam compreender as provações que enfrentavam. O sofrimento não indicava que Deus havia se esquecido deles. Eles faziam parte do plano eterno de Deus de escolher para Si um povo. A vinda de Jesus foi **por amor de vós**. O “fim dos tempos” consiste na época em vivem os cristãos. Na manifestação de Cristo, Deus agiu decisivamente. No que diz respeito à redenção do homem, Deus não tem um plano adicional que não foi realizado. Pedro e seus leitores viviam no fim dos tempos, e os cristãos do século XXI vivem nos últimos tempos, e enquanto a vida humana durar

³³N. Trad.: Um “plano de contingência”, ou *planejamento de riscos, plano de continuidade de negócios ou plano de recuperação de desastres*, tem o objetivo de descrever as medidas a serem tomadas para que os processos vitais de um sistema voltem a funcionar plenamente, ou num estado minimamente aceitável.

³⁴Michaels, pp. 66–67.

no planeta será o fim dos tempos.

Porque estamos no fim dos tempos, nós, crentes, podemos esperar que a volta do Senhor, o julgamento e a eternidade irrompam a qualquer momento. Quando Paulo escreveu sobre os tempos difíceis (2 Timóteo 3:1), ele estava escrevendo sobre seu próprio tempo. Quando o escritor de Hebreus afirmou que “nos últimos dias” Deus falou no Seu Filho (Hebreus 1:2), ele estava escrevendo sobre os dias em que ele vivia. Paulo falou o seguinte sobre acontecimentos do Antigo Testamento: “Estas coisas... foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1 Coríntios 10:11). Num sentido negativo, não é para entendermos o “fim dos tempos” ou os “últimos dias” mencionados no Novo Testamento como referências a um tempo apocalíptico antes da manifestação do Senhor. Nada no texto implica que haverá um reinado de mil anos, um arrebatamento e outras invenções do gênero. Os cristãos vivem nos últimos dias e quando os últimos dias se completarem, segundo a vontade de Deus, o Senhor voltará. Depois virão o julgamento e a eternidade.

Versículo 21. Jesus Se manifestou “por amor de vós”, disse Pedro no versículo 20. Convém aqui uma explicação. Por amor de quem Jesus Se manifestou? O apóstolo disse que foi pelos **que, por meio dEle**, [têm] **fé em Deus**. A salvação que Deus proveu é pessoal, individual. Deus não veio na pessoa de Jesus Cristo por pessoas indiferentes, mas por aqueles “que têm fé”, pelos crentes que leriam as palavras de Pedro. A NVI, como outras versões em português, usa o verbo “crer” no lugar de “ter fé”. Eles criam em Deus, mas passaram a ter fé porque Jesus revelou o Pai, pois foi “por meio dEle” que os cristãos da Ásia se tornaram crentes. É claro que esta afirmação e João 14:1 e 6 pertencem ao mesmo mundo de ideias³⁵. A fé em Deus é por meio de Jesus de Nazaré porque 1) Jesus tornou o Pai conhecido como nenhum profeta ou sábio do passado tinha feito (João 7:28, 29; 15:15). 2) Jesus removeu a barreira de pecado para que os homens tenham comunhão com Deus (Romanos 5:1; 1 João 1:7). 3) Jesus, inclusive no presente, intercede pelo homem a Deus (1 Timóteo 2:5; Hebreus 7:25).

O apóstolo já tinha destacado o sangue de Je-

³⁵Robert H. Gundry, “‘Verba Christi’ in 1 Peter; Their Implications Concerning the Authorship of 1 Peter and the Authenticity of the Gospel Tradition”, *New Testament Studies* 13. Julho de 1967, pp. 339–40.

sus, que significa a Sua morte. A esta altura, ele deixou claro que a mensagem que proclama a morte de Cristo não é de derrota, e sim de vitória; não é de morte, e sim de vida. Deus **O ressuscitou dentre os mortos e Lhe deu glória**. Paulo abriu a Carta aos Romanos alegando que Deus declarou que Jesus é “o Filho de Deus com poder... pela ressurreição dos mortos” (Romanos 1:4). Ele estabeleceu a confissão básica da fé, ou poderíamos dizer, o credo do cristianismo, “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15:3, 4). A sustentação da fé dos cristãos em Deus e a esperança na vida eterna é que Jesus morreu e reapareceu entre os homens, ressurreto pelo poder de Deus. A “glória” que Deus deu a Jesus foi na ressurreição, ou precisamente em Sua ascensão à direita do Pai onde Ele reina (Atos 2:33; Romanos 8:34; 1 Coríntios 15:25). A glória que Jesus experimentou é uma glória que Seus seguidores desfrutaram (1:8, 11).

O resultado esperado de tudo o que Deus fez por meio de Jesus Cristo por amor dos crentes é **que a vossa fé e esperança estejam em Deus**. As palavras “fé” e “esperança”, especialmente quando fé tem o sentido de confiança, são semelhantes no significado, ainda que cada uma tenha sua própria esfera de ação. A “fé” tem a ver com as circunstâncias atuais sob as quais os cristãos vivem. Anteriormente, Pedro dissera que os cristãos estavam guardados por Deus mediante a fé, depois ele acrescentou: “não vendo [o Senhor] agora” (1:5, 8). A “fé” implica depositar a confiança em Deus, confiando nEle até na ausência de provas empíricas. A “esperança”, por outro lado, visa ao futuro. Embora já apossados das bênçãos em Cristo, uma viva esperança (1:3) se projeta em direção ao futuro e à herança eterna que Deus tem para os crentes.

NASCIDOS DE SEMENTE INCORRUPTÍVEL (1:22–25)

²²Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente, ²³pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. ²⁴Pois

toda carne é como a erva,
e toda a sua glória, como a flor da erva;

seca-se a erva, e cai a sua flor;

²⁵a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente.

Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada.

Pela segunda vez, o apóstolo mencionou o princípio da vida cristã (1:3, 23). “Fostes regenerados”, disse ele. A expressão significa “tendo renascido” (Almeida Revisada Imprensa Bíblica). A vida dos cristãos precisava refletir o tipo de pessoas que Deus queria que fossem quando Ele perdoou seus pecados e contou-os entre os Seus.

Versículo 22. Pela terceira vez, Pedro referiu-se à **obediência** de seus leitores (1:2, 14, 15, 22); pela terceira vez, ficou evidente que a obediência e a santificação são partes de um todo. **Purificado** no grego é um particípio perfeito. A força do particípio pode ser de concessão, “já que” (Almeida Revisada Imprensa Bíblica), ou de causa, “porque”. Não deve ser acidentalmente que a obediência e a santificação induzem a um lembrete do novo nascimento tanto em 1:2 e 3 como em 1:22 e 23. A **verdade** é mais do que proposições a serem endossadas. A verdade deve ser obedecida. Não foi a uma verdade abstrata que os leitores de Pedro obedeceram. Especificamente, eles obedeceram à verdade do evangelho; creram na verdade que Jesus morreu por eles, e responderam ao imperativo inerente a essa verdade. Quando obedeceram à verdade, ao mesmo tempo, nasceram de novo e santificados para o reino de Deus. Raymond C. Kelcy comentou o seguinte sobre Pedro: “Ele está retrocedendo ao momento em que seus leitores responderam ao evangelho em obediência submissa, o momento em que concordaram com os requisitos da verdade”³⁶.

O pretérito perfeito grego refere-se a uma ação que ocorreu no passado, mas que tem resultados contínuos até o presente. “Tendo purificado a vossa alma”, disse Pedro. Usando esse tempo verbal, o apóstolo fez seus leitores olharem para o passado quando nasceram. Anos antes, Pedro dissera a uma grande multidão de pessoas em Jerusalém que deveriam arrepender-se e serem batizados para a remissão de pecados (Atos 2:38). Quando cerca de três mil obedeceram à verdade que Pedro proclamou, eles nasceram, foram regenerados, suas almas foram purificadas. Paulo referiu-se ao renascimento como uma “lavagem de regenera-

ção” (RC), ou seja, um novo nascimento (Tito 3:5). O novo nascimento significa mais do que um sepultamento batismal em água, porém não há novo nascimento sem o sepultamento em água. Já que eles haviam purificado suas almas pela obediência à verdade, o apóstolo incentivou-os a se portarem como pessoas renascidas ou regeneradas.

Já que os cristãos haviam purificado a alma **tendo em vista o amor fraternal não fingido**, Pedro instruiu-os: **amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente**. Kelly fez o seguinte comentário:

...se o escritor parecia ter se desviado da tarefa de esclarecer o estilo de vida cristão, em oposição ao pagão [1:15, 17, 18]; agora, ele retoma o assunto, acrescentando o amor fraternal à santidade e ao temor a Deus como uma marca do cristão batizado.³⁷

Purificar a alma significa nada mais que se purificar. Os leitores de Pedro não haviam se purificado, no sentido exato da palavra; Deus purificou-os porque Jesus os resgatou ou redimiu, derramando Seu “precioso sangue, como de cordeiro” (1:19). Ainda assim, a decisão de obedecer à verdade foi uma iniciativa deles. Após o sermão de Pedro no dia de Pentecostes, Lucas registrou: “Com muitas outras palavras deu testemunho e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa” (Atos 2:40)³⁸. A resposta obediente de crentes é o ato efetivo que resulta no perdão dos pecados.

Pedro lembrou seus leitores que, ao responderem ao imperativo da mensagem do evangelho – crendo, arrependendo-se e sendo batizados – eles entraram na comunhão de uma comunidade de pessoas cuja regra de conduta mais fundamental era o “amor” que tinham uns pelos outros. Assim como Paulo (1 Coríntios 13:13; 1 Tessalonicenses 1:3), Pedro mostrou que “fé”, “esperança” e “amor” são as forças interiores de onde nasce o modo de vida cristão. Nenhuma regra de conduta entre crentes é mais importante do que se respeitarem, valorizarem e cuidarem uns dos outros. Jesus disse: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35). João acrescentou: “Porque a mensagem que

³⁷Kelly, p. 78.

³⁸A tradução do imperativo passivo aoristo usado em Atos 2:40, “salvai-vos desta geração perversa”, levanta uma questão: “Como ordenar que alguém faça algo em que é totalmente passivo?” Imperativos passivos como esse contêm a força de um comando ou ordem. Pedro queria dizer a seus leitores que eles deveriam se deixar ser salvos.

³⁶Raymond C. Kelcy, *The Letters of Peter and Jude*, The Living Word Commentary, vol. 17. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1972, p. 38.

ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros” (1 João 3:11).

A palavra que Pedro usou para “amor fraterno” foi *φιλαδελφία* (*filadelfia*). Ela aparece também em 3:8. Ter obedecido à verdade, ter purificado a alma, era, ao mesmo tempo, ter entrado numa comunidade onde todos eram iguais, irmãos e irmãs. Por causa do seu amor pela humanidade, Jesus assumiu a forma humana (João 3:16). Há um sentido em que os discípulos de Cristo, seguindo o exemplo do Senhor, devem amar todos os seres humanos. E o vínculo do amor dentro da família de crentes é uma intensificação ou uma concentração do amor sentido por todos (Gálatas 6:10). O pensamento de Pedro era este: uma vez que vocês obedeceram a uma mensagem que os submeteu a um amor sincero pelos que compartilham a mesma fé e esperança, tornem-se o que Deus os escolheu para serem, e amem-se, de coração, uns aos outros ardentemente.

Não há nenhum significado particular na mudança para o verbo *ἀγαπάω* (*agapao*) nesta segunda referência do apóstolo a amor. “Não há dúvida de que Pedro entendia a afeição fraterna e o amor mútuo como expressões equivalentes.”³⁹ Ele incentivou seus leitores a serem os santos purificados que Deus idealizou que fossem quando, pela obediência deles à verdade, Ele purificou suas almas. O acréscimo significativo ao imperativo de Pedro é a palavra “ardentemente”. No grego esta palavra está em posição de ênfase, no fim da frase. O amor dos crentes uns pelos outros deveria ser constante, indissolúvel e expressivo. Quando os falsos pagãos do segundo século ficaram sabendo da irmandade de quem usava o nome de Cristo, comentaram, às vezes sarcasticamente, sobre o afeto auto-sacrificial que os cristãos tinham uns pelos outros. Mais adiante da carta Pedro retomaria o conceito de irmandade (2:17; 5:9).

Versículo 23. No versículo anterior, Pedro usou o pretérito perfeito para descrever a santificação de seus leitores. Aqui ele usou o perfeito novamente para descrever a regeneração, ou renascimento, deles. **Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível.** Tanto a obediência à verdade quanto o novo nascimento deles deveriam resultar em amor sincero e mútuo. Obediência à verdade, santificação e regeneração não são conceitos isolados. Cada palavra implica as outras duas. Anteriormente, o apóstolo disse

que os cristãos foram regenerados, isto é, nasceram de novo, para uma viva esperança (1:3). Aqui ele vinculou a regeneração/renascimento deles à semente incorruptível, **a palavra de Deus, a qual vive e é permanente.**

Quando Jesus conversou com Nicodemos sobre nascer de novo, Jesus vinculou o novo nascimento seguramente ao batismo (“nascido da água”; João 3:5) e ao Espírito Santo. (Veja os comentários sobre o novo nascimento em 1:3.) Em 1:3, o novo nascimento deu-se pela ressurreição de Jesus Cristo; aqui é mediante a Palavra incorruptível (“imperecível”; NVI), a mensagem de que Jesus ressuscitou pelo poder de Deus. Embora não deva ser igualado à Palavra, o Espírito opera na Palavra e através dela. De um ponto de vista vantajoso, a Palavra era o evangelho que fora pregado a eles (1:12). De outro ponto de vista, era o poder do Espírito Santo. O poder criativo da Palavra era bem conhecido aos leitores do Antigo Testamento. Através da Palavra dita por Deus, o mundo veio a existir (Gênesis 1:3) e através dela Deus governou as questões humanas (Salmos 33:9). Através da Palavra inspirada pelo Espírito os cristãos são regenerados, ou seja, nascem de novo. Pedro entendia que as Sagradas Escrituras eram inerentemente vivas, vivas porque o Espírito que as inspira e lhes dá poder é vivo. Além de ser viva, a Palavra continuará a viver. Ela é permanente.

A Palavra pode ser dita ou escrita, mas em nenhum desses casos ela tem o poder de causar resultados. Assim como o Espírito se movimenta para onde quer (João 3:8), a Palavra faz suas obras como uma força misteriosa nos corações das pessoas. Ela transforma vidas. “Ele nos gerou pela palavra da verdade” (Tiago 1:18). Não faz sentido falarmos da obra do Espírito na ausência da Palavra, e vice-versa. A semente incorruptível, indestrutível mediante a qual os cristãos foram regenerados corresponde à verdade obedecida pelos leitores de Pedro, o que resultou na purificação deles. Como em João 1:13, há um contraste intencional entre a semente humana e o divino. Tudo o que se refere à vida humana neste mundo é transitório. É passageiro; não perdura. A semente cujo poder acelerador dá um novo nascimento é permanente e eterna. O contraste que ele pretendia fica claro no versículo que vem a seguir.

Versículo 24. O novo nascimento, cujo instrumento é a semente incorruptível, a Palavra de Deus permanente, trouxe à mente de Pedro a passagem

³⁹Michaels, p. 75.

de Isaías 40:6–8 (compare com Salmos 103:15–17). A passagem apoia e reforça a afirmação do versículo anterior, ou seja, que a Palavra de Deus dura para sempre. Tiago também fez alusão à passagem de Isaías (Tiago 1:11), mas o irmão do Senhor citou-a para destacar um ponto diferente, porém relacionado. A citação é da Septuaginta (LXX), embora Pedro tenha feito pequenas mudanças. O Antigo Testamento havia sido traduzido do hebraico para o grego cerca de duzentos anos antes do nascimento de Jesus. A Septuaginta era amplamente usada entre os judeus espalhados pelo mundo greco-romano. No período do Novo Testamento, muitos judeus já estavam adaptados ao mundo grego. Eles precisavam de uma tradução das Escrituras para a língua que falavam, assim como falantes de português que vivem no mundo moderno precisam de uma tradução atualizada.

Isaías 40:6–8 tem um propósito no contexto do profeta que não corresponde particularmente ao propósito de Pedro. As pessoas a quem Isaías se dirigia estavam deprimidas como exiladas na Babilônia. Havia a possibilidade de que desistissem totalmente das promessas de Deus – de fato, de que desistissem do próprio Deus. Então, Deus enviou o profeta para confortar o povo, para lembrá-los de que Deus estava preparando um caminho para eles pelo deserto, de volta à pátria. Os poderes dos homens vêm e vão; reinos se levantariam e cairiam. Toda carne era como a relva. A Palavra de Deus, a promessa de Deus, era fiel. Ela permanece eternamente.

Pedro não alegou que Isaías pretendia descrever a condição dos cristãos na Ásia, os quais sofriram por causa da fé em Jesus. Antes, o apóstolo viu nessa promessa que a Palavra de Deus nunca descumpra um princípio que era tão verdadeiro para seus leitores, quanto para o público original de Isaías. A passagem de Isaías destaca a lastimável incerteza de tudo o que os humanos são e fazem. As pessoas anseiam pelo que é permanente e imutável, porém **toda carne é como a erva... seca-se a erva, e cai a sua flor**. A carne e toda a sua glória não oferecem nenhuma razão unificadora, nenhum aspecto comum à experiência humana, exceto sua certeza de deterioração. A carne seca. Suas qualidades mais louváveis e nobres fenecem e são esquecidas. Nem o público-alvo de Isaías nem o de Pedro seriam sábios se depositassem a confiança nos desígnios humanos. Deus e Sua mensagem são as únicas realidades permanentes da vida.

Versículo 25. É o próprio Deus e Sua auto-revelação que dão harmonia, sentido e propósito à vida. Diferente da experiência e da glória humanas, Deus e Sua Palavra permanecem eternamente. Ocorre uma mudança interessante de λόγος (*logos*, “palavra”), em 1:23, para ῥῆμα (*rhema*, “palavra”), em 1:25. Neste contexto as duas palavras são sinônimas. A segunda é usada na LXX. A mudança de palavras não causa efeito algum ao que Pedro expôs. É “a palavra [*logos*] viva e permanente de Deus” que Isaías 40:8 chama de a palavra [*rhema*] do Senhor. Pedro disse que essa “palavra do Senhor”, a qual **permanece eternamente**, é a que foi pregada aos irmãos.

A continuidade do pensamento de Pedro iniciado em 1:22 não deve ser ignorada. Foi mediante a obediência à verdade que os cristãos purificaram suas almas. A verdade por eles obedecida estava inerente à incorruptível, viva e permanente Palavra de Deus. Mediante a obediência à verdade, eles haviam nascido de novo, ou seja, foram regenerados. A verdade, “a palavra do Senhor” que “permanece eternamente” e **a palavra que... foi evangelizada** aos leitores de Pedro eram a mesma coisa. Em toda parte, através do tempo e do espaço, quando a mesma palavra da verdade é pregada, cristãos podem esperar o mesmo resultado. Pessoas serão regeneradas, nascerão de novo e tomarão parte na herança eterna.

APLICAÇÃO

Santidade e Batismo (1:3–25)

Embora a palavra “batismo” só ocorra uma vez em 1 Pedro (3:21), estudantes sérios da Bíblia há muito tempo reconhecem que o batismo é um tema predominante na epístola. Embora o batismo e o novo nascimento não devam ser igualados, a íntima relação deles não deve ser ignorada. Quando um crente era batizado, seu novo nascimento acontecia. Paulo legou a figura de linguagem um passo adiante quando disse que um crente saía do batismo para andar em “novidade de vida” (Romanos 6:4). Não pode haver dúvida de que Pedro referiu-se ao batismo cristão em 1 Pedro 1:3 e 1:23, quando usou as palavras “nos regenerou” e “regenerados”. A regeneração é um nascer de novo “não de semente corruptível, mas de incorruptível”.

Os cristãos vivem num mundo em que a gratificação instantânea é a força motriz do capitalismo moderno, e é justamente nesse mundo que eles devem ser santos. Para os leitores de Pedro, não

havia uma divisa obscura entre a vida santa que conheceram como cristãos e a vida sórdida de antes, vivida na incredulidade. A esta altura, talvez, haja uma diferença entre o nosso mundo pós-moderno e o mundo contemporâneo de Pedro. No mundo atual, a linha divisória entre o que é santo e o que não é santo geralmente é obscura. Muitas vezes os cristãos contribuem para a obscuridade dessa divisa. Quando a palavra de Deus chama, alguns dizem: “Com certeza, não tenho de cortar tudo que é divertido, tenho? Não vamos deixar essa coisa de santidade ir longe demais”. Existem cristãos que parecem temer que o mundo os classifique com o mais apavorante de todos os epítetos: “fanáticos”. Alguém poderia pensar que levamos muito a sério o fato de sermos filhos do Rei.

Entristece e desanima a maioria dos crentes do nosso tempo ver o apelo persuasivo à sensualidade. As palavras de Josué talvez sejam cabíveis para a igreja moderna: “Não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, Deus zeloso...” (Josué 24:19). Estamos à altura do desafio da santidade? Qual será a nossa resposta? Moisés respondeu desta maneira: “Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, nem está longe de ti... Pois esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires” (Deuteronômio 30:11, 14).

Pedro citou duas fontes de onde o cristão pode extrair refrigério enquanto se esforça para ser santo num mundo profano. Primeiramente, a santidade encontra apoio no amor fraternal que se dá e se recebe de colegas peregrinos que nos acompanham até a cidade santa. Pedro sabia que a pureza e a obediência de seus leitores resultaram num amor sincero, mas ele os exortou mais intensamente: “amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente” (1 Pedro 1:22).

Em segundo lugar, a santidade é eterna, as honras e os apetites do mundo são temporários. Pedro disse que os crentes foram regenerados de semente incorruptível. Toda a glória do homem, tudo pelo que ele dá a vida, toda a sua riqueza, todo o seu aprendizado, todos os seus bons momentos – tudo isso cairá como a flor da erva. A Palavra de Deus permanece eternamente. “Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada” (1:25).

Pedro não ofereceu aos seus leitores alívio dos maus tratos físicos e emocionais. Pelo contrário, ele disse que a situação poderia piorar. Independentemente do que viesse a acontecer, o apóstolo queria

que seus leitores soubessem que eram o povo de Deus, e o povo de Deus é santo. Nada é mais necessário no mundo de hoje do que vidas santas da parte dos que possuem o nome do Senhor. Não há espaço para concessões nem desculpas. Hoje o pecado nos afaga em seus braços e nos diz que, afinal, somos humanos. Não podemos esperar demais de nós mesmos. Por conta disso, o cristão pós-moderno muitas vezes não considera a santidade uma opção real para sua vida. É sensato reconhecer que Deus resgatou um povo santo.

Resgatados, Não Mediante Coisas Corruptíveis (1:18, 19)

Inúmeras coisas que o nosso mundo contemporâneo julga inteligentes, modernas e arrojadas são meras extensões da mesma ignorância que tem tiranizado a vida e roubado a alegria dela há milhares de anos. Seguir descuidadamente os apetites escraviza e destrói. Em sua segunda carta, Pedro mencionou os que prometiam liberdade, embora sendo escravos da corrupção: “...pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor” (2 Pedro 2:19).

Em 1 Pedro o apóstolo traçou um contraste acirrado entre as antigas vidas escravizantes e debilitantes que eles conheceram e a liberdade que desfrutavam em Cristo. Pedro lembrou seus leitores de que eles foram resgatados. A palavra traduzida por “resgatados” era usada por autores seculares no mundo grego para o pagamento de um resgate. Um homem rico ou poderoso podia valer uma boa quantia para um grupo de piratas ou um bando de ladrões. O historiador romano Suetônio relatou um incidente na vida de Julio Cesar em 74 a.C., quando este fora para a ilha de Rodas para estudar retórica. No caminho, o navio em que ele estava caiu nas mãos de piratas. O jovem César mandou solicitar à cidade de Mileto cinquenta talentos de ouro para o seu resgate. Mileto pagou o valor e os piratas libertaram César. O pagamento do resgate de um indivíduo rico e poderoso era em prata e ouro, mas Pedro lembrou seus leitores que o resgate deles fora comprado por algo muito mais precioso. O preço do resgate que os tirou dos desejos escravizantes da carne foi nada menos que o precioso sangue do Filho de Deus (1 Pedro 1:18, 19). Paulo disse o mesmo em outras palavras: “Aquele que não conheceu pecado, ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21).